

Fotojornalismo e Edição: Uma Discussão Sobre o Tratamento Estético das Imagens¹

Bruna Alves TEIXEIRA²
Felipe Harmata MARINHO³
Maria Zaclis VEIGA⁴
Universidade Positivo, Curitiba - PR

RESUMO

Após entender a diferença entre manipulação e tratamento estético no fotojornalismo, este artigo tem como objetivo discorrer, do ponto de vista de fotojornalistas curitibanos, como é na prática o trabalho da pós produção de uma imagem capturada. Além disso, se existe essa diferença, se há um limite na prática e quais critérios são utilizados por eles ao fotografar. A partir de um questionário online disparado para repórteres fotográficos, foi feita uma análise de como eles encaram esse processo no dia a dia.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; tratamento; manipulação; edição; ética

INTRODUÇÃO

No jornalismo, uma foto pode complementar o texto, ser mais do que ele e até falar por si mesmas, disserta Teixeira (2014). Barthes (1984) diz que a fotografia é a certificação da existência do acontecimento, o noema fotográfico, “isso foi” que determina a presença do fotógrafo no local e, por isso, é indicativo de que “aquilo” aconteceu. O pesquisador Jorge Pedro Sousa (1998) aponta que foi a partir dos anos 1920, com a evolução dos aparatos técnicos de reprodução da imagem nos jornais e revistas, em que a fotografia tomou o lugar das ilustrações e passou a ser um aparato informacional nos jornais, ocupando um lugar simbólico representativo do cotidiano das cidades.

Tratar uma imagem é fazer um melhoramento do que ela já é, enquanto a manipulação trata-se de retirar ou colocar elementos alterando a informação original da imagem. Manipular uma imagem não é característica do ambiente digital, desde os negativos esse método era aplicado às fotografias, afirma Batista (2009). "Até mesmo a questão da

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017

² Egressa do curso de jornalismo da UP, brunalvesteixeira@gmail.com.

³ Orientador do Trabalho. Professor do curso de jornalismo da UP, feharmata@yahoo.com.br.

⁴ Orientadora do Trabalho. Professora do curso de jornalismo da UP, zaclisjornalismo@gmail.com.

propriedade intelectual e a questão do controle econômico sobre a imagem digital se tornam problemáticas, pois não existem negativos" (p. 216). Além disso, antes do surgimento de softwares de edição, artifícios e outras técnicas fazem parte do cotidiano de fotojornalistas, afirma Peixoto (2011). Em contrapartida, “os avanços tecnológicos tornaram as manipulações mais fáceis, mais rápidas e cada vez menos aparentes para o público leitor”, (p.4).

A linha tênue que separa uma imagem alterada de uma imagem tratada se faz possível a partir de um levantamento teórico sobre o que os termos significam e qual a visão de profissionais que trabalham possuem.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Fotojornalismo

Os primeiros anos de experiência do fotojornalismo, no final do século 19, conforme aponta Santana (2009), foram fundamentais para a constituição da profissão e o reconhecimento de sua importância.

a concepção de autoria de imagens, permitindo ensaios e documentários fotográficos, desenvolvimento da atuação destes profissionais como freelancer, a perda da privacidade com as "fotos-flagrantes", a consciência do momento certo para fotografar, por conta das dificuldades que ainda havia no manejo dos equipamentos e a percepção da fotografia como jornalismo. (SANTANA, 2009, online)

O texto pode detalhar todos os acontecimentos de um fato, ser imparcial e contar bem uma história, mas não é o suficiente. Veiga (2013) disserta que as fotografias jornalísticas tomam para si o valor simbólico representativo quando permite ao público a sensação de estar presente nos locais dos acontecimentos “e os proprietários dos jornais e revistas percebem nela um instrumento de onipresença que pode ser primordial para validar o discurso que veiculam. As publicações investem na programação visual e o cotidiano da sociedade é retratado pelas páginas das principais revistas e jornais”, (p.69).

A fotografia esclarece, Teixeira (2014) afirma que ela torna os acontecimentos mais reais, verídicos e mostra ao leitor recortes do que aconteceu, além de dar uma visão mais profunda para quem apenas leria o texto e imaginaria de inúmeras formas diferentes. “Os profissionais preocupam-se em buscar, por de meio de imagens, extrapolar aquilo que as palavras não conseguem captar, resultando em um discurso visual carregado de posicionamentos, preferências e ambientações” (Peixoto, 2011, p.1). O autor afirma que o processo não se completa com um simples clique. “Ele faz parte de um sistema com inúmeras retroalimentações que perpassam os campos da edição e da circulação de conteúdo” (2011, p.1), e completa que isso não expande somente a própria leitura das imagens, mas também a usabilidade das mesmas.

A fotografia aplicada ao jornalismo lida com o limite máximo de eterna tensão entre a verdade/realidade e a cultura/interpretação/intenção do autor. É por isso que, mais do que qualquer outra fotografia em qualquer outro campo, precisa ser compreendida com um processo, e não como um fato, e estar relacionada diretamente com um contexto determinado (FELIPPI, 2008, p. 40)

Entretanto, a ética, tratamento e a manipulação de imagens são pontos importantes a serem considerados, uma vez que elas são pontos primordiais no dia a dia do repórter fotográfico e também determinam a credibilidade do que está sendo vendido.

1.2 Ética, tratamento e manipulação de imagem

Pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), é da responsabilidade profissional do jornalista, artigo 12, parágrafo quinto, o deve em “rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações”. Da conduta profissional do jornalismo, artigo 4º, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação.” Tratamento e manipulação de imagem são conceitos, apesar de diferentes, confundidos. Quando se fala em tratamento de imagem, estamos falando na melhora da qualidade de sua imagem.

É o uso da tecnologia disponível para clarear pontos escuros, ressaltar a luz e até alterar a saturação das cores, tornando-as mais fortes ou esmaecidas, dependendo do que se quer transmitir. Quando se trata uma imagem, a intenção não é alterar o seu conteúdo, portanto, as informações que fazem parte do quadro não são modificadas. (ALMEIDA e BONI, 2006, p.16)

E quando se trata da manipulação, no fotojornalismo, há uma interferência na realidade dos fatos.

Elementos podem ser acrescentados ou excluídos, dependendo da intenção de quem a manipula. Neste caso, o real pode ser transformado em ficção. Ou seja, o que nunca existiu pode tomar forma, e o que estava presente no ato da captura da imagem, pode simplesmente desaparecer do quadro. (ALMEIDA e BONI, 2006, p.18)

Se tratando da edição no fotojornalismo, Peixoto (2011) afirma que essa atribuição envolve um processo em conjunto. Fotojornalistas, editores de imagens, operadores gráficos e outros profissionais envolvidos. Todo repórter fotográfico deve carregar um pouco de consciência de editor, compreendendo a integridade do processo de produção fotojornalístico, afirma Felippi (2008), dividindo com o editor a responsabilidade pelos resultados gerais.

Não apenas jogar o resultado de seu trabalho diário sobre o editor sem se interessar pelos desdobramentos e aproveitamentos, pelas observações técnicas e interpretativas do sujeito que, teoricamente, está colocado naquela posição para articular linguagens e sabe mais que ele. (FELIPPI, 2008, p. 51)

No fotojornalismo, Peixoto (2011) disserta que a edição de uma imagem perpassa a ética, a credibilidade e a veracidade dos fatos. Para o autor, “a prática da edição esteve estritamente relacionada à outra, a da manipulação, que apresenta associação direta com os conceitos de falsificação e deturpação.” (2011, p. 2). A fotografia, portanto

representava essa relação intrínseca entre o instante e sua captação; uma impossibilidade de criação além dos elementos que a realidade proporcionasse. Edição e manipulação representavam, então, a face de uma mesma moeda: rompiam, pois, diretamente, esse contrato de realidade da representação fotográfica. (PEIXOTO, 2011, p. 3)

No ponto de vista da ética do jornalismo, “a manipulação da imagem é inaceitável, pois ao se alterar uma fotografia o jornalista não está fornecendo todos dados à população, ou seja, não exerce seu papel de difusor da verdade”. (Batista, 2009, online). Em contrapartida, Batista (2009) faz outra análise dessa questão, para ele, com a influência do sistema capitalista nos meios de comunicação de massa, esse método acontece com frequência pois os empresários dão prioridade aos lucros gerados com as vendas de uma imagem manipulada ao priorizarem um jornalismo ético e verdadeiro. O tratamento de uma fotografia, discorre Batista (2009), onde o conteúdo não é modificado, consiste em melhorar a qualidade da imagem por meio da tecnologia, a qual permite que pontos escuros sejam clareados, alterar a saturação das cores e fazer mudanças no brilho.

Já a manipulação consiste em interferir na realidade dos fatos, em que elementos podem ser acrescentados ou excluídos fazendo com que o real vire ficção ou uma ficção vire realidade. No fotojornalismo, a manipulação de imagem é condenável no ponto de vista da ética, justamente por distorcer a realidade e não apresentar todos os fatos em precisão. (BATISTA, 2009, online)

No jornalismo é comum à manipulação de imagens, mesmo que tal ação contradiga o Código de Ética, como forma de omitir uma informação que chocaria a população ou para fazer sensacionalismo e resultar em maiores vendas nos veículos impressos. Antônio Pina, afirma "sim, até as fotografias mentem. Basta haver um mentiroso atrás da câmara fotográfica. E uma mentira jornalística, no Líbano como por cá, pode ser mais letal que um bombardeamento", em relação à manipulação digital das fotografias referentes ao bombardeamento de Beirute pela Força Aérea de Israel. Neste sentido, pode-se afirmar que quem mente não é a fotografia, quem mente é o fotógrafo.

1.3 Credibilidade em xeque

Quando se fala em credibilidade, pensamos na boa produção jornalística. Os manuais de jornalismo que são apresentados para os estudantes, afirmam sempre a importância dela na produção. Dimenstein (1990), pontua que não se deve publicar informações sem checar a procedência, não se deve arriscar a credibilidade por um “furo” incerto.

A busca da imparcialidade é o nosso oxigênio, é o que nos dá credibilidade, o que permite que o nosso público estabeleça uma relação de confiança conosco. [...] Busque um olhar diferente para os concorrentes - independente do tipo de veículo -, vá atrás de credibilidade e audiência. [...] Se é tão difícil conquistar a credibilidade, é fácil perdê-la. (CARVALHO, Alexandre. 2010. s/n)

A credibilidade da fotografia, Almeida e Boni (2006), está vinculada também à do autor e do veículo de comunicação que a está reproduzindo. Preocupado com as facilidades da tecnologia digital, Lattimer (2002) alertou: “The real danger now lies in the believability of photographs.”

Apesar de tão popular, segundo Almeida e Boni (2006), a fotografia digital ainda não é aceita em diversos concursos, o que evidencia que a discussão acerca da credibilidade desta tecnologia ainda pode estar longe de ser encerrada. “Oscar Wilde once said that the pure and simple truth is rarely pure and never simple.” (Lattimer, apud Almeida e Boni, 2002, p.20).

Portanto, todo esse processo de produção envolvendo o fotojornalismo depende de uma série de fatores, e a prioridade para o fotojornalista é trabalhar com a ética e ter a compreensão, que não somente irá se prejudicar, caso publique uma “foto mentirosa”, como prejudicará o ambiente em que trabalha, estando ciente de que perdendo a credibilidade uma vez, será difícil reconstruí-la. Como diria Felipe Pena, não há fibrose no jornalismo.

2. METODOLOGIA

A partir de todo o marco teórico que tratou sobre o fotojornalismo, ética, tratamento e manipulação de imagem, assim como a credibilidade das empresas em relação as fotografias publicadas este trabalho utiliza como método de pesquisa um questionário aos fotojornalistas de Curitiba.

A pesquisa é qualitativa, uma vez que determina quem serão os entrevistados, utilizando como critério repórteres fotográficos que exercem a função na cidade de Curitiba. Um questionário online foi disparado para 25 fotojornalistas que atuam nos veículos de jornalismo de Curitiba, pelo email ou pelo messenger, destes, apenas 11 responderam.

As perguntas feitas são de caráter objetivo abertas e semiabertas, são elas: (1) Qual sua formação? (2) Atua como fotojornalista a quanto tempo? (3) Fotografa em RAW ou JPEG? (4) Qual modo utiliza para fotografar? (5) Há diferença entre manipulação e tratamento de imagem? Se sim, qual? (6) Você utiliza algum recurso de tratamento de imagem na edição de suas fotografias? Se sim, com que frequência? () nunca () sempre () as vezes () na maior parte das vezes () na menos parte das vezes (7) Quais programas utiliza para a edição da fotografia? () Photoshop () Lightroom () outro (8) Há algum limite no tratamento estético de uma imagem? Se sim, qual? (9) Até que ponto uma fotografia que se enquadra na categoria de “fotojornalismo” ou “fotodocumental” pode receber tratamento estético?

3. RESULTADOS OBTIDOS

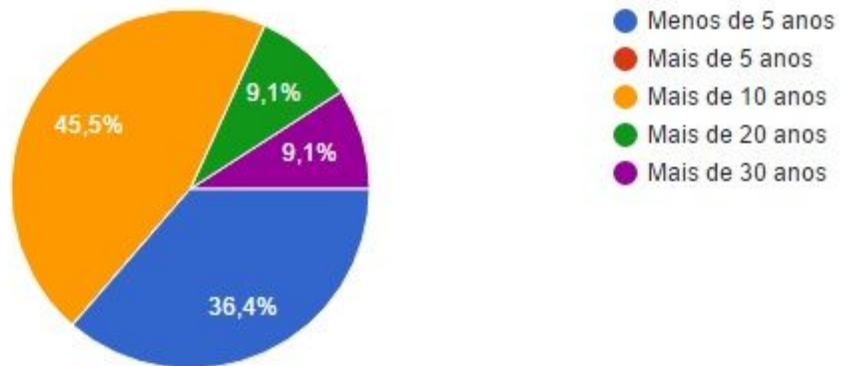
A partir do disparo do questionário, as respostas foram sistematizadas entre gráficos, do Google, e transformadas em texto. Todos os repórteres fazem tratamento em suas fotografias, além disso, a maior parte deles utilizam os mesmos programas de edição para tal e levantam as mesmas diferenças entre tratamento e manipulação das imagem.

3.1 A formação dos entrevistados

Todos os profissionais, que atuam como repórteres fotográficos na capital do Paraná, possuem o ensino superior completo em Comunicação Social, habilitação em jornalismo. Dos onze participantes, um deles possui título de mestre e outro, além da graduação, MBA.

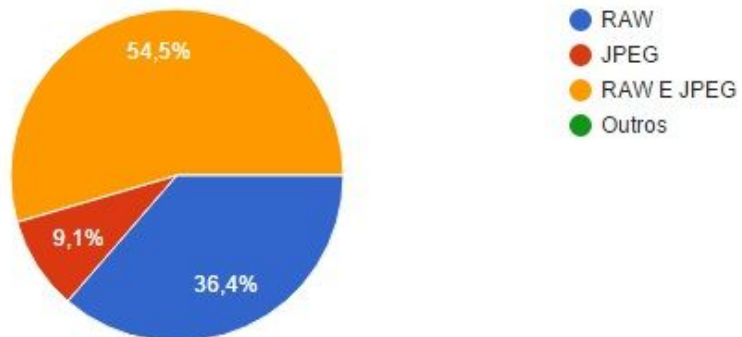
3.2 O tempo que atuam como repórteres fotográficos

Do tempo de exercício da profissão como repórteres fotográficos, 36,4% deles atuam na área há menos de 5 anos, outros 45,5% há mais de dez anos. 9,1% há mais de 20 anos e os outros 9,1% há mais de 30 anos.



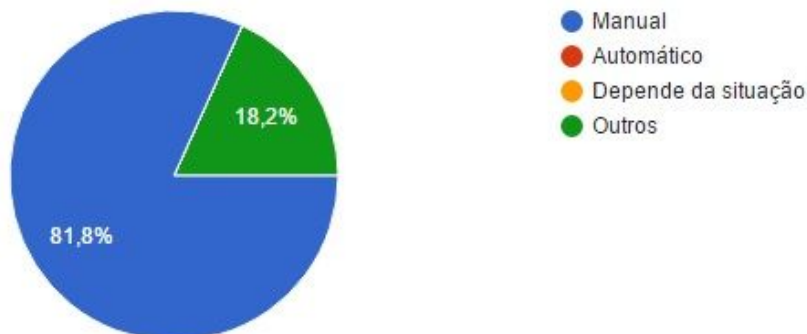
3.3 A captação de imagem feita em RAW ou JPEG

Metade dos participantes entrevistados afirmam utilizar RAW e JPEG na captação das imagens, enquanto 36,4% deles fotografam apenas em RAW e 9,1% apenas em JPEG.



3.4 Do modo em que o profissional trabalha

81,8% dos entrevistados trabalham fotografando no modo manual, enquanto nenhum deles trabalha no modo automático. 18,2% dos entrevistados afirmaram trabalhar com outro modo de disparo e captação.



3.5 Se existe diferença entre tratamento x manipulação, e se sim quais.

Todos os profissionais são unânimes em afirmar que existe diferença entre tratamento e manipulação de imagem.

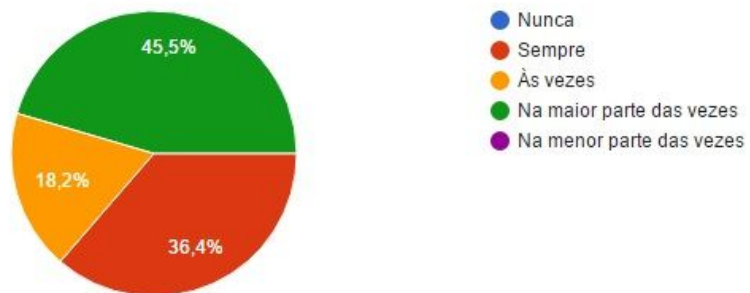
Para eles, “manipular é tirar ou acrescentar algo”, “alterar fatos que estão na foto, como um rosto ou objeto da foto, colocando algo que não estava lá no momento e/ou manipulando sua informação”, e ainda, “alterar o sentido do que foi visto, com o fim de recontextualizar a informação de acordo com os interesses vigentes”. Outra consideração a respeito da manipulação é mencionada no momento pré-foto, quando o fotógrafo dirige algo que está acontecendo para conseguir uma fotografia mais dramática ou praticamente mais bela, trata-se da adulteração de uma cena.

Tratamento, por outro lado, para eles, é a correção ou alteração da luz, temperatura, cor, contraste, brilho, nitidez, etc, sem interferir no conteúdo da imagem. Trata-se, portanto, de “uma melhoria que fazemos na foto, para deixá-la ainda melhor, consertando alguns erros que não percebemos no momento de fotografar”. Além disso, “o tratamento serve para adequar uma imagem, seja pra impressão em publicação, para exposição ou mais atualmente, postagens online. No tratamento você traz para a fotografia elementos que já estão lá e que são realçados”.

Alguns destes profissionais fazem menção ao código de ética e as agências de fotojornalismo que punem os responsáveis por manipular as imagens. Pode-se concluir que estes estão cientes quanto o que separa a manipulação do tratamento da fotografia dentro do jornalismo.

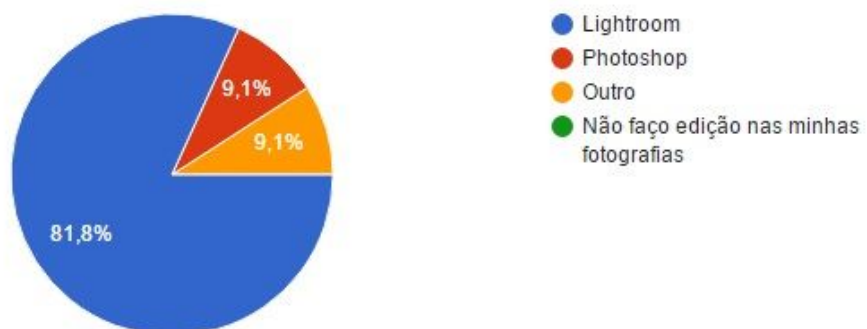
3.6 Dos recursos utilizados no tratamento da imagem

Todos os participantes utilizam o tratamento de imagem, pelo menos em algum momento de seu trabalho. 45,5% afirmam tratar suas imagens na maior parte das vezes, enquanto 18,2% deles afirmam que apenas às vezes utilizam esse procedimento. 36,4% do total afirma utilizar o tratamento de imagem sempre.



3.7 Dos programas utilizados para a edição

81,8% dos entrevistados afirmam que utilizam o programa de edição “lightroom” para tratar suas imagens, enquanto 9,1% afirma utilizar o “photoshop” e outros 9,1% utilizam outro tipo de programa para edição.



3.8 Se há limite no tratamento de imagem, qual seria?

O limite no tratamento de uma fotografia pode ser adquirido pela finalidade que ela tem, pelo bom senso do repórter e pela artificialidade que ela pode portar.

Para um dos fotógrafos, “é uma bobagem esse tipo de preocupação, porque cada um sabe onde colocar os limites em sua fotografia”, além disso, o mesmo leva em consideração como o consumidor irá receber aquele material, “o público, ao contrário, geralmente é mais curioso e está pouco ligando para a técnica, quer entender a mensagem”. Por outro lado, “o limite da ética profissional de não montar a cena e não manipular além do tratamento de imagem”, foi outro ponto levantado.

3.9 Até que ponto as imagens no jornalismo podem receber tratamento estético

Dentro do jornalismo, segundo os participantes, nada que interfere drasticamente na imagem deve ser aplicado. Neste sentido, um dos repórteres fotográficos afirma que “uma imagem pode receber tratamento até um ponto em que deixe de passar uma verdade necessária para a mensagem que quer passar”, enquanto que para outro profissional, “até onde a consciência do fotógrafo permitir” e explica que o importante em uma fotografia é o fotógrafo não estereotipar os assuntos fotografados, ou denegrir a condição do assunto. Outra perspectiva afirma que o tratamento não deve distorcer o acontecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que processo da produção de uma imagem jornalística não se limita ao disparo do obturador e a captação de uma cena, ele procede até o momento de publicação, logo, também é importante a discussão sobre o que vem após a foto ser captada.

Todos os repórteres fotográficos participantes, com mais de 30 anos de profissão ou menos de cinco, utilizam a edição de imagem em algum momento do seu trabalho, e todos eles fazem tratamento de imagem. No questionário, todas as respostas são unânimes em diferenciar a manipulação do tratamento de imagem e mais do que isso, em entender que a manipulação vai contra os princípios da profissão. A discussão do

assunto se faz necessária, especialmente pelos termos serem confundidos. O primeiro passo é o esclarecimento do que é um e do que é outro, para depois discutir até que ponto cada um deve ser utilizado. Um dos pontos importantes levantados, é que o tratamento, a manipulação e a edição da imagem não são novidade do tempo contemporâneo, mas ela está presente na fotografia há um século.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudia Maria de. BONI, Paulo César. **A ética no fotojornalismo da era digital**. 2006. Disponível em <<http://goo.gl/3ZuNSK>> último acesso 31 de maio de 2015

BATISTA, Mariana Tannous Dias. 2009. **Ética e manipulação da imagem no fotojornalismo digital**. 2009. Disponível em <<http://goo.gl/rJpGve>> último acesso: 18/05/2015

CARVALHO, Alexandre. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo. Contexto. 2010

DIMENSTEIN, Gilberto e KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. Summus Editorial, 1990.

FEDERAÇÃO, Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 2007.

FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Org.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo : Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo : Atlas, 2002.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. **Desafios para a edição no fotojornalismo contemporâneo**. Pernambuco, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/9EDmAj>> último acesso em: 31 de maio de 2015

RITCHIN, Fred. **O futuro do fotojornalismo**. 1973. Disponível em <<http://goo.gl/Vbc0KI>> último acesso: 18/05/2015

SANTANA, Gustavo Rozario. **Os primeiros passos do fotojornalismo**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://goo.gl/v8Ykn8>> último acesso: 13/05/2015

SOUSA, J. P. (2002). **Fotojornalismo – Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Disponível em: <<http://goo.gl/9vDUc3>> último acesso: 18/05/2014>

TEIXEIRA, Bruna Alves. **Um registro fotográfico das manifestações que tomaram as ruas de Curitiba**. 2014. Intercom. Santa Catarina.

VEIGA, Maria Zaclis. **Receituário Fotográfico – estudo comparativo entre o fotojornalismo de Portugal e Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Fernando Pessoa, Porto. Portugal, 2013.